

O PATRIMÓNIO IMATERIAL DURIENSE: QUE CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL?

Helena Pina
FLUP, CEGOT
mpina@letras.up.pt

Resumo

Quando se aborda um território como a Região Demarcada do Douro (RDD), habitualmente focam-se as suas virtualidades paisagísticas, mas sobretudo os seus vinhos, com destaque óbvio do Vinho do Porto. Sobressai, porém, um património paisagístico, económico, social, cultural, arquitetónico e vitícola excecional que justificou, inclusivamente, a sua distinção como “Património Mundial da Humanidade”.

Apesar das suas indiscutíveis potencialidades, os obstáculos ao seu desenvolvimento sucedem-se, englobando aspetos de âmbito físico, mas, sobretudo, antrópicos. Destaque-se a existência de um quadro humano envelhecido e em declínio, a carência de assalariados, ou a estrutura fundiária das explorações agrícolas. Aos anteriores acrescem as precárias acessibilidades internas, a que se adicionam as dificuldades institucionais, ou ainda a deficiente preservação do património arquitetónico e a subalternização do simbólico, do imaterial.

É o que sucede com as festas e romarias, que, apesar de evidenciarem uma componente religiosa, incluem também a cultural e a social, para além da turística, sendo da maior relevância, pois possibilitam não só a preservação de usos e costumes, como auxiliam na compreensão do passado coletivo. Correspondem ainda a uma revitalização de vivências, se bem que sob novas perspetivas, pois embora homenageando o santo padroeiro, sustentam dinâmicas em territórios por vezes muito problemáticos. É neste contexto que se abordará Cambres, freguesia do concelho de Lamego (NE de Portugal), onde se venera o Senhor da Aflição, questionando o atual impacte territorial e social destes festejos, bem como as estratégias a implementar num quadro onde a sustentabilidade esteja assegurada.

Palavras-chave: Desenvolvimento rural, TER, sustentabilidade, património imaterial, festividades

Abstract

Studies on the Douro Demarcated Region (DDR) usually focus on its landscape, its wines and especially on Port wine. However, there is also an exceptional economic, social, cultural, architectural and winegrowing heritage that justified its distinction as World Heritage.

Despite the region's unquestionable potential and attractions, the obstacles to its development are manifold, including physical aspects but above all anthropic ones, amongst which we can mention an aged local population in decline, the lack of workers, or poor land use structure of the farms. Added to these, the region has poor internal access routes, institutional difficulties, deficient conservation of the architectural heritage and almost total disregard for the symbolical, the immaterial.

This is the case of the popular festivals and pilgrimages that, although religious in nature, have significant cultural and social dimensions, as well as an important role to play in tourism. They serve not only to preserve traditions and customs but also contribute to understanding the collective past. These festivities are also essential to revitalise experiences because, although they pay tribute to a patron saint, they sustain dynamics in territories that are very often afflicted by a range of problems. It is in this context that we will explore Cambres, a rural parish of the Lamego council, where the Lord of Afflictions is worshiped, questioning the current territorial and social impact of these festivities, as well as strategies to implement sustainable development.

Keywords: Rural development, rural tourism, sustainability, immaterial heritage, festivities.

Introdução

O mundo rural, muito heterogéneo, embora imerso em múltiplas problemáticas (ambientais, económicas, sociais, culturais), mantém potencialidades e especificidades que urge revitalizar. É o que se verifica quando se aborda um território como a Região Demarcada do Douro (RDD), parcialmente classificada pela UNESCO como Património da Humanidade. Habitualmente, focam-se as suas virtualidades paisagísticas, o seu património arquitetónico, cultural, social e enológico, mas subalterniza-se o simbólico, o religioso, como são as festas e romarias. Todavia, embora com uma componente religiosa, estas festividades incluem também a vertente cultural e a social, para além da económica e da turística, constituindo ainda auxiliares preciosos para a melhor compreensão do passado coletivo.

Tais eventos correspondem também a uma reanimação de vivências, pois, enquanto homenageiam o santo padroeiro, estimulam a implantação de dinâmicas em territórios por

vezes muito problemáticos. Constituem, de igual modo, momentos intensos para os autóctones, além de contagiarem um território mais ou menos amplo e corresponderem a uma oportunidade de reencontro com aqueles que se integraram na diáspora.

É neste contexto que se abordará Cambres, freguesia do concelho de Lamego (NE de Portugal). Espaço vitícola, apresenta um enquadramento paisagístico excepcional e uma localização privilegiada, pois situa-se em plena RDD, entre dois núcleos urbanos polifuncionais da maior relevância regional, Lamego e Peso da Régua. Esta freguesia é ainda favorecida por boas acessibilidades, sobretudo após a abertura da A24, a que acresce a linha de caminho-de-ferro (via estruturante do espaço duriense, desde a sua implantação no século XIX) e o eixo fluvial, o rio Douro. Não obstante, sucedem-se os entraves ao seu desenvolvimento. Com efeito, é inquestionável o declínio demográfico e o envelhecimento estrutural da população residente, para além de se agravar o tecido económico, particularmente o vitivinícola, o alicerce económico da freguesia. Para desenvolver este território apostou-se estrategicamente na multifuncionalidade da paisagem, mas ignorando parâmetros com potencial para dilatar as dinâmicas locais como é o património construído, para além do cultural e do imaterial.

Aqui se venera o Senhor da Aflição, festividade que se concretiza na última semana de Julho. As origens desta romaria são indissociáveis do conturbado século XIX quando alastraram entre os vinhedos diversas pragas fitossanitárias, com destaque para a filoxera. Encontrando-se a população sem alternativas técnicas e humanas para proteger os seus vinhedos, recorreu à intervenção divina e, como os devotos viram as suas preces acolhidas, prosseguem desde então as comemorações, em sinal de agradecimento.

Por outro lado, se no início do século XXI se privilegiam os núcleos urbanos e as suas festividades, florescentes, nos meios rurais são comuns as ermidas sem manutenção, já que as anteriores dinâmicas que mantinham intacto o seu culto, foram-se espaçando, até quase desaparecerem. Apenas as mais proeminentes subsistem. Numa conjuntura em que se aposta cada vez mais num desenvolvimento sustentável, é de facto também um imperativo das sociedades atuais a preservação da diversidade cultural, arquitetónica ou paisagística, salvaguardando-se, desta forma, a identidade local e das suas gente. É neste âmbito, aliás, que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), através de diversas convenções, fomenta a preservação e integração do património material, propiciando a revitalização de “áreas cénicas e naturais magníficas e sítios históricos do mundo, para o presente e o futuro de toda a humanidade” (UNESCO, 1978). Tal sucedeu, em 2001, com uma parte significativa da RDD, cenário que reflete uma intervenção humana centenária, perpetuada na existência de uma paisagem vitícola em terraços.

Embora se tenham multiplicado as convenções da UNESCO, só em 2003 surgiu a primeira associada à preservação cultural e do património imaterial, definindo-se no seu Art. 2º que este património corresponde a “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos, reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza da sua história, inculcando-lhe um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.” (UNESCO, 2003). No seu ponto 3 acrescenta que é fulcral a salvaguarda deste património, implementando “medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização e transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspetos desse património” (UNESCO, 2003)

Mais recentemente, na sequência da Convenção de 2005, a UNESCO, confirmando a importância do Património Imaterial como uma das vertentes a preservar quando se tem em mente um desenvolvimento sustentável, holístico e distintivo, incentivou a sua preservação, integrando-o nas dinâmicas a empreender para o desenvolvimento do espaço em causa, motivando os responsáveis políticos e culturais à concretização deste desiderato. Assim se distinguiu o “Fado”, por exemplo, em 2011.

É pois, pertinente, na conjuntura atual, questionar o impacte das festas e romarias em espaços rurais como Cambres. Além disso, como conciliar cultura, tradição, preservação e inovação, perspetivando um dinamismo consistente deste território? Não se pode ignorar que a paisagem, sendo o reflexo de um longo historial que urge preservar, permanece, mas ancorada na atividade humana dos autótones, a que, pontualmente, acresce a ação de outros atores, em geral de âmbito económico.

Para a concretização deste artigo adotamos uma metodologia que conjuga uma análise minuciosa de uma ampla bibliografia, documentos históricos e notícias de jornais, que complementamos com um intenso trabalho de campo, incisivo sobretudo no período das festividades. Realizaram-se, então, múltiplas entrevistas e inquéritos aos principais atores locais (responsáveis pela organização dos festejos, residentes, comerciantes e unidades de turismo), para além dos visitantes e turistas. Só enquadrados por esta metodologia foi possível concluir

este trabalho, em que se aborda um caso exemplificativo das festividades que persistem em meio rural, bem como das problemáticas que as envolvem.

1. Cambres: alguns apontamentos de enquadramento sócio-económico

Freguesia do concelho de Lamego (NE de Portugal) espraia-se por uma área que totaliza 11,16 Km², ascendendo na vertente desde a margem esquerda do rio Douro fronteira a Peso da Régua, até atingir o limite norte da cidade de Lamego, a cerca de 440 metros de altitude. Neste cenário multiplicam-se os socalcos de vinhedos tradicionais, muito exigentes em mão-de-obra, mas também os socalcos que recentemente sofreram uma reestruturação e a consequente mecanização, uma das formas de ultrapassar a carência de assalariados e o elevado nível retributivo que lhe está associado. Domina, contudo, um quadro natural apelativo, de substrato xistoso e clima de cambiante mediterrânea, onde o povoamento disperso e a persistência de outras culturas como a oliveira, a delimitar os blocos agrícolas, justificam a permanência de uma biodiversidade com raízes históricas e, com esta estratégia, a manutenção de um património paisagístico único (fotos 1 e 2).



Fotos 1 e 2 - Alguns aspetos da freguesia de Cambres (vista parcial)
Fonte: fotos da autora.

Este cenário privilegiado ainda se incrementa perante a persistência na freguesia de um soberbo património arquitetónico que espelha a importância que a vitivinicultura ostenta. Assim se multiplicam as casas solarengas dos séculos XVII a XIX, dispersas pelas quintas e lugares habitados, reflexo de uma ocupação humana em Cambres que recua no tempo, como se

comprova pela existência de morros fortificados, passagens calcetadas do período romano (Costa, 1979), relógios de sol, mas, sobretudo, exemplares de património religioso dos séculos XVII e XVIII.

De facto, para além da Igreja Matriz, salientam-se capelas dispersas pelos lugares habitados ou pelas quintas de maior nomeada (Azevedo, s/d; Costa, 1999), se bem que se sucedam os casos de degradação, sendo urgente criar uma dinâmica estrutural que sustente um desenvolvimento polifacetado, inclusivo, de todas as componentes territoriais.

Apesar dos aspectos positivos antes apresentados, em Cambres evidenciam-se problemas diversos, sobressaindo os que incidem na vitivinicultura. Atividade que manifesta um longo historial e grande importância, já que há referências à presença da vinha em Cambres no século XVI (Dias, 1957), foi, contudo, no período do Marquês de Pombal que esta cultura se expandiu, apoiada na multiplicação dos terraços que ascendiam nas vertentes. Na atualidade, porém, as problemáticas são múltiplas, das quais se destaca uma deficiente estrutura fundiária das explorações agrícolas, o envelhecimento dos vinhedos, a falta de mão-de-obra e a sua débil formação técnica, ou, ainda, o declínio demográfico (figura 1).

Tendência inegável desde a década de sessenta do século XX, reflete as sucessivas crises vitícolas regionais, indutoras efetivas de amplos fluxos migratórios e, conseqüentemente, do envelhecimento da população remanescente. Neste contexto, em 2011, dos 2066 residentes referenciados (INE, 2011), cerca de 23% já tinha ultrapassado os 65 anos de idade, permanecendo com uma formação essencialmente empírica, enquanto os jovens tinham ampliado a sua formação cultural e técnica, se bem que fixando-se, maioritariamente, no nível básico. Exercem funções terciárias nos núcleos urbanos regionais, mas apoiam os seus progenitores na exploração agrícola familiar, ainda que em regime pós-laboral. Assim alastra a dupla atividade entre os jovens, embora sejam os idosos que sustentam o setor vitícola, se bem que apoiados em alguma mecanização (Pina, 2007, 2011).

É, porém, a vitivinicultura que sustenta o tecido económico local, dominando em Cambres as pequenas explorações de estrutura familiar, pois, embora a dimensão média das explorações agrícolas fosse, em 2009, de 4,8 hectares, 41,2% nem 1 hectare atingiam (INE, 2009, Pina, 2013). Por outro lado, o parcelamento real ainda era mais preocupante, já que, em média, a área de cada exploração subdividia-se por 2 a 3 blocos, dispersos, sendo comuns os blocos com menos de 0,5 ha. Assim se adensam os pequenos proprietários, os efetivos preservadores destas paisagens, que, impelidos sobretudo pelas suas heranças culturais e sentimentais, dão continuidade às suas explorações vitícolas, apesar do baixo rendimento obtido (Pina, 2005, 2013). Exige-se, no entanto,

uma modernização/reestruturação dos vinhedos e a formação dos proprietários e assalariados, forma de mitigar os obstáculos que dificultam a existência de um desenvolvimento sustentável.

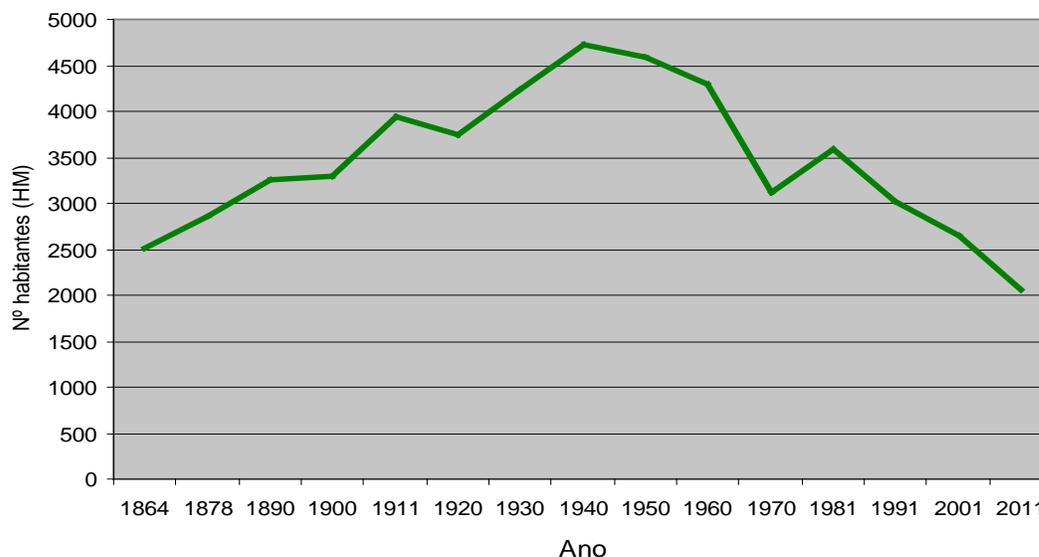


Fig 1 -Evolução da população residente (HM) na freguesia de Cambres (1864-2011)
Fonte: Recenseamentos Gerais da População (1864-2011). INE: Lisboa.

Em simultâneo, tem-se feito alguma requalificação destas paisagens, apostando sobretudo no Turismo em Espaço Rural (TER). Atividade que despertou no início dos anos oitenta, corresponde a uma tipologia de alojamento representativo da identidade rural e cultural da região, instalando-se em edifícios com características arquitetónicas que integram materiais de construção típicos, como é o caso do xisto, integrando-se ambiental e culturalmente no espaço em causa (Turismo de Portugal, 2013).

Turismo não convencional, o TER apresenta uma estrutura familiar e acolhimento personalizado dos turistas, proporcionando ao hóspede a oportunidade de reviver práticas, valores e tradições, nomeadamente as intangíveis. A esta tipologia adiciona-se também o Turismo de Habitação (Casa da Azenha, por exemplo) e o enoturismo, de facto impressionante neste território vinhateiro. Assim se favorece uma rentabilização de cariz multifuncional, sustentável, inclusivo, do tecido económico local rural, valorizando os recursos endógenos. Assim se potencia a diversificação das atividades agrícolas, com o conseqüente aumento dos rendimentos, enquanto se revitaliza atividades económicas que dele são tributárias e que interagem (artesanato, atividades lúdicas, culturais e desportivas)¹

¹ Tipologia de alojamento que até 2008 abrangia diversas modalidades de hospedagem (Turismo de Habitação, Turismo Rural, Agro-turismo, Casa de Campo e Hotel Rural), posteriormente, na sequência do Dec. Lei nº39/2008,

Embora se tenha incrementado na década de noventa, foi sobretudo após a distinção concedida pela UNESCO ao espaço duriense como “Paisagem Evolutiva Viva, Património da Humanidade” que a sua expansão foi notória. Na generalidade, os aderentes correspondem a proprietários detentores de explorações vitícolas de média e grande dimensão, que gozam de um enquadramento paisagístico privilegiado e de um património construído assinalável: sob coordenação familiar, proporcionam aos hóspedes o conhecimento da vitivinicultura e da região (Pina, 2009, 2011, 2012).

Atividade onde a sazonalidade é indissociável, complementa-se com outras ofertas mais convencionais, pois em Cambres surgiram também projetos ambiciosos como “Aquapura Douro Valley” (hotel de cinco estrelas), e “Hotel Douro River” (hotel de quatro estrelas), ambos com Spa (Pina, 2012, 2013), ou ainda o “Hotel Rural Quinta da Pacheca”. Iniciaram funções entre 2007 e 2011, sofrendo entretanto diversas adaptações no sentido de ultrapassar o período crítico que se abateu sobre o país a partir de 2008.

O turismo, nas suas diversas vertentes, é, de facto, uma aposta estratégica que tem dinamizado este espaço, favorecendo ainda a preservação da paisagem, num meio onde o setor vitivinícola, apesar de problemático, continua a ser o seu sustentáculo económico. No entanto, há que dinamizar e usufruir também do património imaterial, das festividades locais, com destaque óbvio das festas do Senhor da Aflição.

2. As festas do Senhor da Aflição

2.1. Alguns apontamentos introdutórios

Embora sujeitos a diferentes interpretações, as festas e romarias sempre agregaram a atenção da população, se bem que numa perspetiva variável de acordo com o historial dos festejos em causa, o enquadramento geográfico, as acessibilidades e, mais recentemente, a divulgação e *marketing* que lhes está associado. Não obstante, há uma indiscutível diminuição dos festejos nos meios rurais, contrastando em absoluto com o cenário vigente até à década de oitenta do século XX, como é notório nas publicações de José Leite de Vasconcelos e de outros autores.

Em 1940, por exemplo, embora vigorasse o racionamento alimentar e se tivesse interrompido as exportações de vinho do Porto (uma das consequências do segundo conflito

complementado pela Portaria nº937/2008, surgiu outra classificação: Turismo de Habitação, Casa de Campo, Agroturismo, Hotéis Rurais e Turismo de Natureza.

mundial...), ainda assim, prosseguiram os principais festejos, atraindo “...povos de todas as freguesias da redondeza.” (Vasconcelos, 1997, 302)

Por seu lado, Ernesto Veiga de Oliveira referia que as romarias correspondiam a “*uma festa profana característica, em que coexistem elementos de todas as espécies, religiosos e profanos, cristãos e mágicos, cerimoniais e festivos.*” (Oliveira, 1984, 217). Acrescentava que as romarias “*eram os acontecimentos regionais de maior vulto (...) ocasiões de encontro das gentes de todas as áreas da respectiva província, que ali acorria para se mostrar e reavivar ou renovar conhecimentos, saber notícias de fora, entabular relações e negócios (...) e também para luzir e se divertir (...). Nelas afluíam, assim, de forma particularmente rica e viva, os traços característicos das culturas locais, os seus costumes e gostos, o seu folclore, e mesmo o seu artesanato fundamental*” (Oliveira, 1984, 220)

Em suma, as festas e romarias correspondiam a acontecimentos sociais com forte peso religioso, mas também económico e cultural. Atraíam múltiplos atores e dinâmicas diferenciadas que refletiam uma enraizada herança cultural. Na atualidade, contudo, estes festejos restringem-se cada vez mais aos principais núcleos urbanos, associados à festa municipal, enquanto nos meios onde a ruralidade ainda permanece, sobretudo nos mais periféricos, o cenário se degrada. As exceções são cada vez mais raras, constituindo as festas ao Senhor da Aflição um dos exemplos a divulgar.

2.2. O despoletar dos festejos

Embora o padroeiro da freguesia seja S. Martinho de Tours, é para o Senhor da Aflição que é direcionada a devoção dos cambrenses e dos naturais de um vasto território que inclui os núcleos urbanos confinantes com a freguesia. Festividade de cariz popular, desconhece-se, contudo, a sua origem, ainda que esteja documentada a existência de uma comunidade cristã em Cambres já no período celta (Costa, 1979).

Até ao século XVII, há alusões a um espaço onde existia uma policultura que conjugava alguma vinha com os cereais, para além dos castanheiros e de outras árvores de fruto, proliferando, contudo, a floresta. Esta cultura foi sendo progressivamente substituída pelos vinhedos. Será, porém, necessário aguardar pelo século XIX, para que o culto ao Senhor da Aflição se instituisse, propagando-se então rapidamente não só às freguesias vitícolas, mas também à população dos núcleos urbanos envolventes. Aliás, após a inauguração da “Ponte de Peões” em 1872, facilitou-se a participação dos reguenses nos festejos, e, após a chegada do

caminho-de-ferro, a “via acellerada” à Régua (Pina, 2007), esta influência estendeu-se até à cidade do Porto. Todavia, até ao final do século XVIII e independentemente da fonte documental a que se recorra, não descobrimos qualquer referência ao Senhor da Aflição.

Nessa época o espaço duriense encontrava-se mergulhado numa profunda crise, reflexo de sucessivos maus anos agrícolas. Esta instabilidade prosseguiu no século XIX, sob o efeito das invasões francesas e a estagnação das exportações dos vinhos, quadro que ainda se agravou na primeira metade do século sob uma forte crise política e social e a propagação de doenças criptogâmicas como a maromba, o oídio ou o míldio, “indutoras” de epidemias de cólera e de febre amarela (Sousa, 2006). Foi, contudo, após 1875, quando a filoxera devastava os vinhedos na região e se aproximava das vinhas de Cambres, que os residentes, impotentes para a debelar, realizaram uma procissão de penitência, “...*para implorar a protecção divina contra os estragos da phylloxera. A procissão saíu de Cambres, levando em grande pompa a imagem do Senhor dos Passos, e seguiu até à Senhora dos Remédios, em Lamego. Os penitentes seriam proximately 3:000 e viam-se entre eles grande porção de senhoras.*” (“Jornal da Regoa”, 10/07/1880, p.2).

Desde então as referências ao Senhor da Aflição sucedem-se, nomeadamente através dos jornais regionais, mas também nacionais, anunciando as festividades, como sucedeu em 1880: “*Nos dias 24 e 25 deste mez teem de celebrar-se as bem conhecidas festividades e romaria do senhor da Afflicção, na freguezia de Cambres proximo á estação do caminho de ferro da Regoa. No dia 24, duas bandas de música tocarão durante a tarde e ao anoutecer recolherá á igreja uma vistosa procissão. Ás 9 ½ queimar-se há grande quantidade de fogo de artifício e subirão ao ar muitos balões (...). Há grande illuminação. No dia 25, pelas 11 da manhã, missa solemne e sermão e às 4 horas da tarde uma procissão magestosa (...); uma importante força militar manterá nos dous dias a boa ordem do arraial, um dos mais pacíficos e concurredos que se conhecem.*” (“O Primeiro de Janeiro”, 18/07/1880, p.1).

Como se constata, as acessibilidades já então eram enfatizadas, sendo também evidente a notoriedade dos festejos, como se confirma pela existência de duas procissões, concessão especial para um meio rural. Acresce que, como em 1880 os vinhedos locais foram salvaguardados das investidas da filoxera, desde então integrou-se a procissão de penitência nos festejos já existentes. Por outro lado, com o aproximar do século XX, a vertente religiosa via-se cada vez mais constringida pelo profano, pelo social, como se constata em 1894, já que cerca de 51,3% das despesas globais ficaram adstritas às festas, valor muito vultuoso, apesar das dificuldades existentes no escoamento das produções vínicas; por seu turno, nos serviços religiosos apenas se destacava o ordenado do capelão, enquanto 3,3% dos fundos estavam

associados a subsídios, obrigatórios (Fonte: “Livro de receitas e despesas”, Irmandade N. S. Afflicção (manuscrito).

Com o avançar do século XX, apesar das contingências políticas, económicas e sociais já referidas, sobretudo aquelas que interferiam com o escoamento dos vinhos, e o subsequente avolumar dos problemas sociais e económicos, os festejos prosseguiram, bem como os associados aos santos protetores dos diferentes lugares da freguesia. Tratava-se, efetivamente, de acontecimentos essenciais para a população residente, pois embora valorizassem a vertente religiosa, progressivamente neles sobressaía a vertente social e a económica. Neste contexto, em 1900 esta romaria era considerada “*uma das mais concorridas e das de maior nomeada d’esta região*”, possuindo três procissões e “*iluminação vistosa, abundante fogo d’artificio, (...) facilidade de comunicações d’esta cidade (Lamego) e de todas as terras proximas para o local da romaria*”, já que se disponibilizaram transportes públicos: “*...De Lamego para a freguezia de Cambres haverá todos os 3 dias um bem montado serviço de transportes de passageiros em automoveis a preços reduzidos.*” (“A Semana”, 21/07/1900, p.1 e 2)

Com o avançar do tempo surgiram também “inovações” que aprofundavam a vertente profana, sobretudo a social. Entre elas destaque-se, em 1905, a alusão à “*dansa de pretos*” e aos arraiais que se prolongavam pela noite dentro, com as filarmónicas a procederem à animação, para além das referências contínuas às iluminações e ao fogo de artifício. Sobressai, contudo, a conexão existente entre a festa e a introdução da energia elétrica na freguesia (1909), algo excecional que alterou muitos hábitos e cuja divulgação foi potenciada com os festejos.

Era também inquestionável o impacte económico destes festejos, já que se através dos arraiais se facilitava a socialização (muitos casamentos nasceram nos arraiais...), em simultâneo ampliava-se o movimento nas tabernas e nas casas comerciais da freguesia, escoando-se os produtos agrícolas endógenos (vinhos, azeite, frutas e enchidos). Acresce que, fatores locativos ainda hoje evidenciados como são o património paisagístico e as acessibilidades, já então o eram, referindo-se em 1907 que se aguardava uma grande afluência de visitantes provenientes da cidade de Lamego e da Régua, até porque a romaria tinha conquistado “*foros d’uma das primeiras da Beira Alta, não só pela situação da terra, muito perto da estação ferro-viaria da Regoa, mas pela diversidade e originalidade dos atractivos d’estas festas.*” (“A Esperança”, 16/07/1907, p.1).

Neste alinhamento, não se estranha que, em 1912, mais de 60% dos gastos anuais com os festejos fossem direcionados para a vertente profana (fogo de artifício, enfeites e iluminação - Quadro 1).

Quadro 1 - Despesas da festa de Nosso Senhor d'Afflicção, 1912

Descrição	valor (reis)	
Impressos	2\$100	
4 dúzias de archotes	1\$120	
Licença de fogo	1\$300	
Policimento -		3,8%
7 policias no arraial	5\$500	
31 praças de Infantaria 9	6\$300	
Fogo de artifício -		
36 duzias de fogo a 1\$500 reis	54\$000	
36 duzias de fogo a 1\$500 cada	54\$000	
5 duzias de fogo para as procissões	3\$000	
8 duzias de fogo para as procissões	4\$000	
10 descargas demonstrativas a anunciar a festa	10\$500	40,2%
24 balões para arraiaes a \$270 reis cada	6\$480	
200 bandeiras para adornar a Igreja	6\$500	
1340 balões venezianos para iluminação	25\$000	
Zés Pereiras durante os 3 dias	3\$000	
Trabalho da phylarmonica de Cambres (arraies e	31\$000	23%
trabalho nos arraies e festividades	30\$000	
Fazer 3 palanques para as músicas	4\$500	
8 kg de cêra vendida para a festividade	6\$400	
Parte religiosa		18,5%
28 figuras de anjos e virgem para a procissão	24\$000	
armar a Igreja e andor de N. S. Afflicção	9\$780	
5 padres, sermão e festa de igreja N. S. Afflicção	24\$000	
TOTAL	312\$480	

Fonte: "Despesas da Irmandade Senhor Afflicção", Arquivo Distrital Viseu, cx. 2185, nº 13.

Apenas 18,5% dos recursos financeiros se destinavam à parte religiosa, apesar de sempre importante². Assim foi crescendo o profano, por solicitação quer dos residentes, quer dos forasteiros, quer ainda dos descendentes de cambrenses instalados nos principais núcleos urbanos que regressavam à freguesia nestes dias festivos.

² Fonte: "Despesas da Irmandade Senhor Afflicção", Arquivo Distrital de Viseu, cx. 2185, nº13.

Entretanto, associavam-se aos festejos eventos sociais e até económicos como a “Feira Franca anual de gados” (década de trinta), e a inclusão de jogos tradicionais e partidas de futebol. Um outro aspeto a destacar relacionava-se com a importância atribuída à música, sempre executada por bandas filarmónicas que abrilhantavam os atos religiosos e os lúdicos, criando um ambiente recetivo à confraternização. Assim se dinamizava a freguesia.

Este cenário manteve-se sem grandes alterações nas décadas imediatas, verificando-se apenas pequenas oscilações consentâneas com o ano agrícola e a retribuição dos vinhos, pois daí surgiam as dádivas ao Senhor da Aflição. Neste contexto, a interrupção esteve eminente por diversas vezes nas décadas de cinquenta e sessenta, mas tal foi evitado.

Já no início da década de setenta, prosseguia a conjugação da vertente religiosa com a profana, mas controlando-se os gastos em fogo de artifício e com as bandas filarmónicas, pois o quadro vitícola não era o mais favorável. Entretanto, interrompeu-se a feira franca, bem como os jogos de futebol e outras atividades paralelas, enquanto se diversificavam as atuações de grupos musicais, que se intercalavam com as bandas. As festas do Senhor da Aflição continuavam a ser o período mais dinâmico da freguesia, incrementando-se os contactos sociais, as atividades económicas, bem como a manutenção dos edifícios e do quadro paisagístico envolvente.

Outro acontecimento a destacar nas festividades regionais, pelos seus reflexos, foi a Revolução de 25 de Abril de 1974. Na realidade, apesar de sobressaírem as transformações políticas, também se registaram grandes repercussões económicas e sociais, designadamente na RDD, pois não só aumentou o quantitativo de vinho do Porto a produzir, como se dilatou o valor monetário por pipa, criando-se condições para alguma recapitalização do setor produtivo. Assim se investiu na reestruturação dos vinhedos e na melhoria da qualidade dos vinhos, aproveitando os fundos europeus disponíveis. Consequentemente, dinamizou-se a sociedade civil e apostou-se mais nas festas do Senhor da Aflição, se bem que estes investimentos conjugassem a tradição com a modernidade, como foi notório nos festejos em 1986 nos quais, para além dos gastos exigidos por lei (policimento, bombeiros, licenças), sobressaiam os dispêndios com a iluminação e o fogo de artifício, mas, sobretudo, com os espetáculos musicais, diversificados. Os atos religiosos abarcaram menos de 10%³.

2.3. O quadro atual: potencialidades e obstáculos à sua continuidade

Era o profano, o social, mas sobretudo o lúdico, que captava cada vez mais a atenção de todos, particularmente dos grupos etários mais jovens e dos não residentes. Neste âmbito, no

³ Fonte: “Livro de Despesas da Irmandade do senhor da Aflição”, Cambres, 1986.

programa das festas de 2013 (Fig. 3) destacava-se a vertente lúdica e musical, enquanto o valor dispensado às bandas filarmónicas se restringia, embora permanecendo significativo.



The image shows a detailed program for the 'Festas de Nosso Senhor D'Áflição' in Cambres, 2013, held from July 26 to 29. The program is organized by 'IMPACTO' and lists various activities for each day, including musical performances by bands like 'MARCIAL DE CAMBRES', 'BANDA DE MATEUS', and 'PENTÁGONO', as well as religious processions and fireworks. The right side of the program features several photographs of musical groups and performers, including 'BANDALUSA', 'Pentágono', and 'Inovação 3'.

FESTAS DE NOSSO SENHOR D'ÁFLIÇÃO

26 a 29 de Julho
DE 19 A 28 DE JULHO - NOVENAS PREPARATÓRIAS

CAMBRES - 2013

Organização das Festas e cargo de **IMPACTO**

26 DE JULHO (SEXTA-FEIRA)

- 08H00 - Abertura das Festividades Entrada com Bombos da Ass. Cultural e Desportiva de Ferreiros
- 21H00 - PROCISSÃO DE PENITÊNCIA, saindo da Igreja Matriz de Cambres para a Capela de Stº António
- 23H00 - Grandioso espectáculo com a actuação do **IMPACTO**

27 DE JULHO (SÁBADO)

- 08H00 - Entrada do Bombos da Ass. Cultural e Desportiva de Ferreiros
- 09H00 - Chegada das Bandas **MARCIAL DE CAMBRES** e **BANDA DE MATEUS**
- 15H00 - No recinto das Festas concerto pelas referidas Bandas até às 17h30
- 19H00 - Prociissão da Capela de Stº António para a Igreja Matriz de Cambres
- 22H00 - Grandioso espectáculo de variedades com a actuação do **GRUPO NORTE FM** e o **FAMOSO GRUPO BANDA LUSA**
- 00H00 - Espectacular Armaial de Fogo de Artificio a cargo da **FÁBRICA DE PIROTÉCNIA EGAS SEQUEIRA** continuação da actuação das referidas Bandas

28 DE JULHO (DOMINGO)

- 08H00 - Entrada das Bandas **MARCIAL DE CAMBRES** e **BANDA DE MATEUS**
- 11H00 - Na Igreja Matriz de Cambres Missa Solene e Sermão cantada pelo Grupo Coral de Cambres
- 12H00 - Potentosa **PARTIDA DE FOGO**, a cargo da **FÁBRICA DE PIROTÉCNIA EGAS SEQUEIRA**
- 15H00 - Concerto musical pelas **BANDAS MARCIAL DE CAMBRES** e **BANDA DE MATEUS**
- 17H30 - Majestosa Prociissão de Triunfo acompanhada pela Fanfara dos Bombeiros Voluntários do Peso da Régua e pelo Grupo 54 do A.E.P. de Cambres, que percorrerá as principais ruas da Vila
- 22H00 - Baile Abrelhantado com actuação do Grupo Musical **PENTÁGONO**

29 DE JULHO (SEGUNDA)

- 09H00 - Chegada das Bandas **MARCIAL DE CAMBRES** e **BANDA FILARMÓNICA DE FREIXO DE ESPADA A CINTA**, concerto das referidas Bandas.
- 11H00 - Na Igreja Matriz de Cambres Missa pelos Emigrantes
- 15H00 - No recinto das Festas; grande Concerto pelas Bandas **MARCIAL DE CAMBRES** e **BANDA FILARMÓNICA DE FREIXO DE ESPADA A CINTA** que decorrerá até às 20h
- 22H00 - Festival Nocturno com o Grupo Musical **INOVAÇÃO 3**
- 00H00 - Encerramento das Festividades de 2013, com uma sessão de **FOGO PRESO**, onde serão queimadas várias de peças pirotécnicas a cargo da **FÁBRICA DE PIROTÉCNIA EGAS SEQUEIRA**

Fig 3 – Programa das festas de 2013

Aliás, as bandas atuam nos quatro dias e despedem-se com um cerimonial próprio, acontecimento que, pela sua raridade, atrai muitos visitantes, incluindo os jovens. Não obstante, estes apostam sobretudo nos concertos musicais noturnos. Subsistem também as três procissões (Fotos 3 e 4) e as missas solenizadas, bem como as iluminações e os enfeites das principais vias e o fogo de artifício, enquanto se dinamiza o comércio local, para além das vendas ambulantes.

O dinamismo na sede da freguesia é inquestionável, impulsionado nestes dias pelos autóctones, mas sobretudo pelos crentes das freguesias envolventes e pelos cambrenses da

diáspora que regressam acompanhados por amigos. Assim se facilita a revitalização dos festejos locais, a sua preservação e difusão.



Fotos 3 e 4 – Algumas imagens da procissão triunfal e da banda filarmónica
Fonte: Fotos da autora.

Evolução distinta sofreram, porém, os restantes festejos associados aos santos e capelas dispersas pela freguesia: sucumbiram! Num espaço onde o declínio demográfico é notório, persistindo apenas os idosos, estes, embora colaborem com todas as iniciativas associadas às festas do Senhor da Aflição (peditórios, leilões e outros eventos), não tomam a iniciativa de reativar o do santo do lugar onde residem. Apenas ocasionalmente acontece, e sempre nos lugares de maior dimensão, como foi o caso de Rio Bom em 2012 e 2013 (figura 4).



Fig. 4- Programa das festas de S. Roque (2013).

Lugar atravessado por um “Caminho de Santiago”, envolto por vinhedos, os seus residentes após uma longa interrupção, recuperaram a festa ao santo padroeiro, S. Roque. Estávamos em 2012. Incumbência de um só residente, transmitiu a realização dos festejos de 2013 a uma comissão constituída por mulheres jovens residentes no lugar, a exercerem as suas atividades nos núcleos urbanos envolventes da freguesia. Dinâmicas, recuperaram a apresentação oficial da lista de festeiros ao pároco no final da missa solene, proposta que seria confirmada (ou não...) no final dos festejos quando a banda musical termina a sua atuação em frente à residência do proposto presidente das festas do ano seguinte. Caso aceite, estão assegurados os festejos do ano seguinte, estruturando-se os eventos para a angariação dos fundos necessários (patrocínios, leilões mensais realizados no largo da capela, ...).

Os festejos a S. Roque alongam-se por três dias. Incluem a atuação noturna de conjuntos musicais, mas também arruadas de bombos, fogo de artifício, para além da missa solene e da procissão que percorre as ruas principais da aldeia. Para a sustentabilidade destes festejos, a comissão cria um espaço de venda de bebidas e carne de porco no espeto, assado no local, outro atrativo recuperado.

Apesar do impacte muito positivo em termos de sociabilização e de coesão social, que se distende por todo o ano, nomeadamente com os leilões e a recolha dos produtos a leiloar, está

em causa a continuidade destes festejos mais localizados, pois a sua organização exige recursos financeiros vultuosos. Aliás, estes festejos foram interrompidos em 2014, por falta de voluntários e de meios financeiros, mantendo-se também inativas todas as outras... Entretanto, degrada-se o património arquitetónico e perdem-se tradições, um pedaço da cultura local...

Apesar de serem evidentes as potencialidades associadas às festividades inscritas em meios rurais, estas vão-se perdendo!...

3. Algumas notas conclusivas

O mundo rural, apesar de se encontrar muito fragilizado, inclui múltiplas potencialidades que nem sempre são aproveitadas. Efetivamente, embora surjam novas estratégias que incluem a multifuncionalidade das paisagens, subalterniza-se o impacte do património construído, e, sobremaneira, o imaterial, como são as festas e romarias.

Embora, nestes eventos, se saliente uma componente religiosa, eles incluem também a vertente cultural, a social e a económica, quadro que facilita a preservação dos usos e costumes, de valores históricos, do património construído e do imaterial, implantando-se dinâmicas fulcrais nestes meios rurais. Assim se contagia não só o território em que se inserem, mas um mais amplo, numa orgânica que não se restringe aos dias dos festejos, mas que abarca todo o ano, ampliando a sociabilização dos residentes, os contactos com as entidades económicas, para além da projeção das tradições entre os estratos sociais mais jovens, agora com formação e capacidade de inovação, enquanto se revitalizam e preservam as tradições.

As festas dedicadas ao Senhor da Aflição na freguesia de Cambres, Lamego, constituem um exemplo a realçar, se bem que se adivinhem também dificuldades. Com efeito, apesar de este território gozar de um enquadramento paisagístico privilegiado e boas acessibilidades, os problemas adensam-se, apostando-se para a sua mitigação, sobretudo na multifuncionalidade da paisagem, onde o turismo se destaca, mas ignorando-se outras potencialidades, nomeadamente a sua cultura, as tradições e o mítico. Urge, porém, que se dinamizem as potencialidades endógenas na sua globalidade, sensibilizando os agentes regionais e locais para a requalificação, preservação e dinamização deste património, mas sem ignorar um *marketing* territorial apelativo que afirme, consolide e melhore a imagem duriense. Tais estratégias devem ser implantadas numa perspetiva abrangente, em rede, sem ofuscar os meios rurais apesar da ascendência dos atrativos urbanos. Recorde-se que, o êxito e a continuidade dos festejos em meios rurais, depende não só dos agentes endógenos e da

coesão social existente, mas também das estratégias e dos apoios oficiais, públicos e privados, sobremaneira os autárquicos e os eclesiásticos. Felizmente esta dinâmica está a despertar, como ficou patente com a adesão da Diocese de Lamego, em 2009, à “Turel – Desenvolvimento e Promoção do Turismo Cultural e Religioso” (Resende, 2006).

Por seu turno, apesar da aposta no turismo duriense ser estratégica, nunca se poderá ignorar a vitivinicultura, de facto o sustentáculo económico da freguesia e da RDD, mas também o seu quadro social, os efetivos preservadores do património local. Integrando-se as festas e romarias na programação de eventos potenciadores do turismo, reduzir-se-á, de igual modo, a sazonalidade do turismo na região, muito concentrada ainda no período das vindimas. Assim se devem multiplicar ações tendentes a complementar as dinâmicas já existentes, integrando as festas e romarias que ainda sobrevivem nesta dinâmica, criando, por exemplo, o “Roteiro das Festas e Romarias”.

Em síntese, só numa perspetiva conjuntural, envolvendo todos os atores, particularmente os jovens com o seu empreendedorismo e capacidades inovadoras, para além das potencialidades do território em causa, numa complementaridade entre o meio rural e o urbano, em rede, se conseguirá dinamizar de uma forma sustentada estes espaços rurais. Há, pois, que apostar em dinâmicas que não subestimem nem desvirtualizem as múltiplas potencialidades endógenas, designadamente as associadas às festividades. Está em causa a manutenção de um espaço classificado pela UNESCO como Património da Humanidade!

Bibliografia

Azevedo, C. (s/d). *O Douro Maravilhoso*. s/l: Porto.

CCDRN (2007). *Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte: Porto.

Costa, M. G. (1992). *História do Bispado e Cidade de Lamego – Barroco II*. Oficinas Gráficas de Barbosa e Xavier, Lda: Braga.

Dias, A. 1957. *Lamego no século XVIII*. Edições Beira Douro: Vila Nova de Famalicão.

Oliveira, E. V. (1984). *Festividades cíclicas em Portugal*., Publicações Dom Quixote: Lisboa.

Pina, H. (2005). Alguns aspectos da estrutura fundiária das explorações vitivinícolas durienses. *Actas do 2º Encontro Internacional da História da Vinha e do Vinho do Porto no Vale do Douro*. GEHVID, ano 10, vol. III, 19; Porto, 203-236.

Pina, H. (2007). *O Alto Douro - um espaço contrastante em mutação*. col, Temas Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

Pina, H. (2009). The multi-functionality of the Douro landscapes, one of the strategies for its sustainability. *New ruralities and sustainable use of territory*. Department of Geography and Spatial Management, University of Saragossa: Spain, 405-429.

Pina, H. (2011). O turismo e o desenvolvimento da Região Demarcada do Douro, património mundial da humanidade”, in Actas do 3º Congresso Internacional “Casa Nobre, um património para o futuro”, Universidade do Minho e Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez.

Pina, H. (2012). The Douro Region, a heritage to develop and innovate while preserving, *Major Issues of the European Space: planning policies and territorial restructuring in European Peripheries*, Milena Press, Bucareste (CD), 22 p.

Pina, H. (2013). A estrutura fundiária duriense: um quadro problemático que urge reverter e dinamizar. *Direito Rural*, org. Glória Teixeira, Vida Económica Editorial S.A., Porto, 203-244.

INE, “*Recenseamentos Geral da População*” (1864 a 2011). Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

INE (2009). *Recenseamento Agrícola de Portugal de 2009* Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

Resende, N. (cord.) (2006). *Lamego- um inventário em construção*. Edições Diocese de Lamego, Tipografia Voz de Lamego Lda: Lamego.

Turismo de Portugal (2007). *Plano Estratégico Nacional do Turismo 2007-2013*. Ministério da Economia e da Inovação, Turismo de Portugal: Lisboa.

Vasconcelos, J. L. V. 1997. *Etnografia Portuguesa*. Edição fac-similada. INCM: Lisboa.

Jornais regionais e nacionais

O Primeiro de Janeiro. Julho de 1880: Porto

Jornal da Regoa. Julho de 1880, Peso da Régua

A Semana. Julho de 1900, 1903, 1905 a 1909, Lamego

A Esperança. Julho de 1907, 1908, Lamego

Varanda do Douro. 1950 a 1995, Cambres, Lamego

Documentos Manuscritos

Livro de Receitas e Despesas. Irmandade de Nosso Senhor da Aflição, Cambres.

Despesas da Irmandade Senhor d’Aflicção. Arquivo Distrital de Viseu, cx. 2185, nº13.

Despesas da Irmandade Nosso Senhor Aflição. Irmandade de Nosso Senhor da Aflição, Cambres.